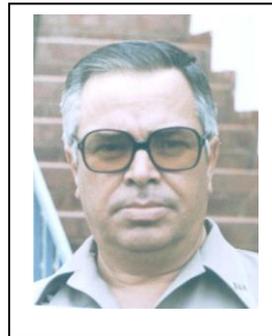


FHE **POUPEX**

ORAÇÃO DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO DE RECEPÇÃO NO IGHMB, EM 9 JULHO 1985, AO SÓCIO CEL ALBERTO MARTINS DA SILVA, NA CADEIRA 23- MARECHAL GREGORIO THAUMATURGO DE AZEVEDO.



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale—paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. É autor em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis das histórias da 1ª, 2ª e 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada e, o biógrafo do General Osório, na obra General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, no bicentenário de seu nascimento em 2008.

Digitalização de artigo do autor na Plaqueta para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa para ser integrada no Programa Pérgamum de bibliotecas do Exército

POSSE DO CEL MED QEMA
ALBERTO MARTINS DA SILVA,
NA CADEIRA Nº 23, DO INSTITUTO
DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA MILITAR
DO BRASIL

*Cel Bento recebe como substit
p. 1/17*

9 JULHO 1985
RIO DE JANEIRO

V.

ORAÇÃO DO CEL CLÁUDIO MOREIRA BENTO DE RECEPÇÃO NO IGHMB, EM 9 JULHO 1985, AO SÓCIO CEL ALBERTO MARTINS DA SILVA, NA CADEIRA 23-MARECHAL GREGORIO THAUMATURGO DE AZEVEDO.

Palavras de Saudação

Ainda não ouvi de pessoa culta, sensata e consciente de nossas realidades militares, a negação da importância do estudo militar ceítico crítico de nossa História Militar, bem como, do valor do culto e divulgação de nossas tradições militares, como ferramentas básicas para a construção de nossas Forças Armadas, a altura do destino, viável, de grandeza a ser construído para o Brasil, se assim o decidir a vontade nacional.

No entanto constato com pesar a preocupação e, o pior, sem poder oferecer uma interpretação satisfatória, a pouca representação de minha geração do Exército nesta **Casa da Memória Militar**. Geração aqui ausente no , em maioria sob égide da **Doutrina Militar Americana** que substituí a **Doutrina Militar Francesa**. Doutrina esta, em cuja vigência (1920-1939) registrou-se maior surto de historiadores e geógrafos militares, dos quais, muitos altos chefes que elevaram bem alto o nome desta Casa. Historiadores e geógrafos militares responsáveis pela sustentação por quase meio século, de uma **vigorosa e nacionalista corrente do pensamento militar brasileiro** (de 1913-1960).

Constatar isto é obra de simples verificação, na relação de sócios desta Casa desde sua fundação e nos índices de nossas revistas militares e obras editadas pela Bibliex.

Olhando em torno, deparo, na minha geração com o Cel Neomil Portella Ferreira Alves, cuja contribuição a História e Tradição Militar Brasileira se confunde com o seu benemérito **Letras em Marcha**, há mais de 10 anos sem interrupção e baluarte da divulgação do **Ontem, do Hoje e do Amanhã** de nossas **Forças Armadas** e, assim, poderoso agente de integração da Família Militar Brasileira, no Brasil e Exterior.

Mais além o **Coronel Fernando Maya Pedrosa**, com destacados serviços à História Militar, como instrutor e escritor, mas faz algum tempo em relativo recesso, por imposição de encargos profissionais. Vem logo a seguir o **Cel Luiz Paulo Macedo de Carvalho**, grande valor que acaba de ingressar nesta Casa com brilhante oração de posse, na qual focalizou com argúcia, muito conhecimento e sobretudo autenticidade e coragem, algumas das razões a explicar a pouca e talvez, até inexpressiva presença de nossa geração nesta Casa e, no qual esta mesma Casa deposita grandes esperanças.

Alargando os horizontes além desta Casa deparo com o **Cel Pedro Shirmer**, grande valor prestes a empossar-se, e mais o **Cel José Celso Pires**, com um imenso potencial para dar uma grande contribuição para os estudos deste Instituto e, finalmente, o **Tenente Coronel Hiram Câmara**, a mais recente e agradável revelação como **biógrafo do Marechal José Pessoa - o idealizador de nossa AMAN**.

Mas esta pouca presença de minha geração nesta Casa acaba de ser golpeada rudemente com o brusco e inesperado passamento do já saudoso e querido confrade **Cel Aldílio Sarmiento Xavier**. Confrade que já prestara assinalados serviços a nossa História Militar como instrutor e que apesar de pouco escrever, por questões de ética projetava de forma marcante sua obra nesta Casa, como um providencial, competente e muito sério **empresário da Cultura do Exército**. Pois criou, viabilizou e consolidou, economicamente, condições para a pesquisa e divulgação, em alto nível, de nossa História, Geográfica e Estratégica Militar, na Bibliex, revistas do **Clube Militar**, do **Exército** e na **A Defesa Nacional**. Nesta última teve a feliz iniciativa de criar e apoiar a **Comissão de Pesquisa Histórica Básica de A Defesa Nacional**, cuja a presidência nos confiou, faz quase 2 anos.

Aqui, pois, nossas saudades e sinceras homenagens ao Cel Xavier, grande perda para esta Casa e para a cultura Militar Brasileira, quando ambas e seus amigos e

admiradores, muito ainda esperavam de sua dedicação, abnegação, inteligência e espírito empresarial e que valia por uma equipe .

Meus Senhores e minhas Senhoras !!!!

Todas estas considerações iniciais, em torno da pouca representatividade nesta Casa, particularmente de oficiais egressos da AMAN, no após guerra, sob a égide da Doutrina Militar Americana e mais as palavras de saudade e reconhecimento ao confrade Cel Aldlilio Xavier, servem como moldura a recepção do Coronel **Médico Alberto Martins da Silva**, integrante da minha geração, que acaba de empossar-se na cadeira 23 que tem por patrono o **Marechal Gregório Thaumaturgo de Azevedo**.

O novo confrade é um grande nome como profissional de escól do nosso Serviço de Saúde e o maior nome, no Exército, como historiador consagrado deste mesmo e benemérito **Serviço de Saúde**. Enfim trata-se, de um profissional militar exponencial e homem de Cultura destacado, como foi o seu Patrono de Serviço - o **General Severiano da Fonseca**, que inclusive,secretariou o **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Uma imensa lacuna nesta Casa, que com o seu passamento, perdeu maior intérprete, cultor e divulgador privilegiado das glórias e tradições militares do Brasil.

Meus Senhores e minhas Senhoras !!!!

É com grande prazer e satisfação que passo, de forma sintética, a traçar-lhes o perfil do confrade Cel Alberto, suas raízes, família e perfil como profissional de Saúde de nosso Exército e sobretudo o de historiador militar.

O Cel Alberto nasceu em 8 março 1934, em João Pessoa, Paraíba. Integra uma família de 22 irmãos. É casado com sua conterrânea D. Maria Inez Martins. Possuem quatro filhos: Ileana, Albeane, Cristiane e Alberto André.

O Médico Militar

Médico pela Faculdade de João Pessoa 1959. Coursou a Escola de Saúde do Exército em 1961, a qual hoje tem a honra de comandar. Teve oportunidade, nos últimos 24 anos,no Exército,de exercer importantes funções como médico militar,com acentuada inclinação para a Tisiologia. Iniciou o exercício da Medicina Militar no seio da Arma de Engenharia em Caicó - Rio Grande do Norte e logo a seguir na Arma de Comunicações, no Recife.

Após cursar a EsAO de Saúde, em 1971,conságrou-se como instrutor e assessor de alto nível de Saúde Militar, Instrutor da EsAO (1971-75); Chefe de Assistência Médico Hospitalar e Sanitaria da Diretoria de Saúde19781;Chefe de Gabinete te Interino da Diretoria de Saúde e Assistente do Diretor de Saúde (1978-79); Adjunto da Missão Militar Brasileira de Instrução no Paraguai (1980-1982); Instrutor da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (1982-85) e agora, como coroamento, a **Direção da Formação dos Oficiais de Saúde do Exército, como Comandante da Escola de Saúde do Exército**.

No Paraguai foi assessor dos diretores de. Saúde, do Hospital Central das Forças Armadas,e da Escola de Saúde Militar,além de instrutor das Escolas de Educação Física, de Aperfeiçoamento de Oficiais e de Comando e Estado-Maior das Forças Armadas.

Em reconhecimento o Paraguai outorgou-lhe a Medalha do Mérito Militar, no grau de Oficial, e mais três distinções militares na forma de medalha e diplomas.

Assim o Cel Alberto esteve em Assunção e por igual período e com uma defasagem de 111 anos do seu patrono do Serviço de Saúde - o General João Severiano da Fonseca, então **Chefe de Enfermaria do Exército Brasileiro** e hoje vulto maior do

Serviço de Saúde do Exército, cujo exemplo, repito, como profissional de Saúde Militar e homem de cultura, de expressão Nacional, o Cel Alberto procura seguir honra-lo como se verá, além de ser também o seu biógrafo.

O Historiador Militar

Além de charadista destacado o Cel Alberto firmou-se como **historiador crítico do Serviço de Saúde do Exército**. Rebuscando as raízes de sua vocação de historiador vamos encontrá-las: Em primeiro lugar, na admiração e convívio com seu irmão Eduardo Martins, com 17 anos a mais do que ele e que possui em João Pessoa a maior biblioteca particular de assuntos paraibanos e, particularmente, **História e Poesia da Paraíba**.

Em segundo lugar contribuiu para sua vocação, o adquirir em 1965, no Recife, valiosa e riquíssima biblioteca de História que pertencera ao **Cel Algedy Ubiracy de Souza** que fora professor de História no **Colégio Militar, do Recife**, Biblioteca que inclui valiosas e completas coleções de revistas de institutos históricos e obras raras de História.

Desde então e nos últimos 20 anos, o Cel Alberto vem proferindo conferências e publicando artigos sobre o Serviço de Saúde, no passado e no presente, bem como sobre dois destacados heróis do Serviço de Saúde - o General Severiano da Fonseca e o Capitão Médico Dr. Quintana, **Herói da Retirada de Laguna**.

Possui prontos os seguintes trabalhos aguardando publicação:

- Biografia do Patrono do Serviço de Saúde
- Biografia do Capitão Médico Dr. Cândido Manoel de Oliveira Quintana.
- O Serviço de Saúde na Campanha de Canudos
- O Serviço de Saúde na Guerra da Tríplice Aliança (do Paraguai, Argentina e Uruguai). E finalmente, em andamento, o importante e muito atual assunto:
- O apoio de Saúde na Guerra das Malvinas. Já deu os primeiros passos no sentido de iniciar a pesquisa do Serviço de Saúde na Campanha do Contestado.

Da sua alentada e significativa obra como historiador militar e pesquisador da Comissão de Pesquisa Histórica Básica de A Defesa Nacional destaque, por amostragem, dois exemplos eloquentes da ação e projeção cultural do Cel Alberto.

Primeiro foi a liderança da Campanha Nacional, trabalhosa mais vitoriosa, em 27 maio 1978, de traslado, de Alegrete para o **Monumento aos Heróis de Laguna**, na Praia Vermelha, dos restos mortais do Capitão Médico Dr. Quintana, carioca e avô do poeta gaúcho Mário Quintana e que foi o heróico chefe do **Serviço de Saúde da Retirada de Laguna**. Feito de nossa história imortalizado internacionalmente, na pena brilhante e inspira da do **Capitão de Engenheiros Alfredo de Taunay**.

Campanha idealizada pelo ilustre médico civil Dr. Luiz de Castro Souza, que honra sobremodo os quadros desta Casa, após localizar os restos mortais do herói em Alegrete, como resultado de trabalhosa e intrincada pesquisa.

Como segundo exemplo registro sua plaqueta lançada sob o título "**Pavilhão General de Brigada Médico Dr. João Severiano da Fonseca**" mandada imprimir pelo Exmo Sr. **Gen Bda Antônio Luiz Coimbra Castro**, Diretor do HCE, no qual se inserem sínteses biográficas do General Severiano do Hospital Central do Exército.

Neste trabalho, o Cel Alberto evidencia a sua grande capacidade de historiador militar crítico, aliada a grande poder de síntese, precisão histórica, clareza, estilo agradável e muito comunicativo.

É trabalho que faz jus aquele clássico comentário, para traduzir o agrado da leitura de um livro. **"O li de um só fôlego"**.

Sobre o nosso atual HCE a mais importante e tradicional organização de Saúde de nosso Exército, o Cel Alberto nos ensina: Foi criado em 1768 no Morro do Castelo, onde

40 anos mais tarde foi fundado o **Ensino médico no Rio de Janeiro**. Extinto em 1832 pela Regência, e desdobrado em hospitais regimentais voltou a situação inicial em 1844. Situação que perdurou até 1902 quando transferiu-se para o atual local, junto com Enfermaria do Andaraí que funcionava desde 1876 no atual Quartel do 19 BPE. Portanto depois de funcionar, mais de 2 séculos, no hoje arrasado Morro do Castelo, sendo que nos primeiros 76 anos, atendendo o Exército e a Marinha. Enfim síntese valiosa para entender-se o hoje do HCE. Ou seja, a grande significação histórica das novas instalações inauguradas em 18 novembro de 1982, sob a direção do Exmo Sr Gen Bda Med Antônio Luiz Coimbra de Castro com que tivemos o privilégio de cursar a ECEME.

Prezado e ilustre confrade e amigo Cel Alberto!

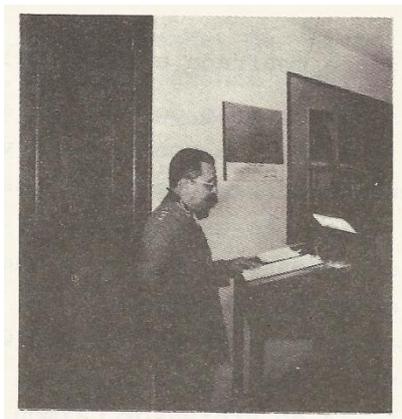
Em nome do **Instituto de Geografia e História Militar do Brasil** as nossas boas vindas na certeza de que irá engrandecê-lo ainda mais com sua presença e atuação assinalada e distinta, como expoente do nosso Serviço de Saúde e o seu historiador maior do Exército.

Esperamos que sua atuação nesta Casa contribua para minimizar de certa forma, duas grandes ausências - a do Professor Calmon e a do Cel Xavier.

Muito Obrigado.

História é verdade e justiça. As minhas referências ao **CEL Cel Luiz Paulo Macedo de Carvalho**, como uma grande esperança para para o IGHMB, tornou-se para mim uma grande decepção. pois, gratuitamente passou a me perseguir e desmontar minha atuação como historiador, principalmente como meu substituto na chefia do Departamento Cultural e Revista do Clube Militar, depois na Presidência do IGHMB, e na Direção da BIBLEx, obrigando-me a criar a a Editora AHIMTB, para publicar meus trabalhos. É uma pena. E creio que não seja somente eu a pensar assim. Foi lamentável sua atuação cultural manipuladora, perseguidora. Que a História o julgue! Mais detalhes colocarei nas minhas Memórias

Aqui devo penitenciar-me do esquecimento do grande historiador Ten Cel Antonio Gonçalves Meira, tão ligado a trabalhos de História Militar.



DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA Nº 23

Hoje, graças a benevolência de todos vós, passamos a pertencer ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, Casa da memória militar brasileira. Aqui, entre os fatos históricos cuja distinção é ressaltada cotidianamente, e convivendo com homens aplicados às pesquisas e aos estudos, vamos lograr proveitosos momentos de aprendizagem e renovadoras vivências patrióticas.

Homens conscienciosos e devotados à história nacional são perpetuados em seus feitos na glorificação maior do exemplo que frutifica e enaltece..Aqui, a vibração patriótica é o testemunho mais leal e mais edificante de um passado comovente e exemplar, que enobrece pela essência de tanto sacrifício.

Nossa terra é batizada de santuários - Piratininga. Tabocas, Vila Rica - e de heróis, servidores da Pátria. Heroísmo que é oração, serviços que são breviários. Na evidência de tantos exemplos cabe ao Instituto de Geografia e História Militar do Brasil um papel relevante nas pesquisas e na divulgação, contribuindo de maneira essencial na ampliação do painel histórico que sempre está se recompletando ante cada fato novo surgido, em busca da verdade histórica. A história militar brasileira aqui tem seu espaço de pesquisa e de projeção.

Em cada Patrono, uma vida de dedicação e íntimo estremecimento pelo Brasil. Em cada vida, a intensa compreensão dos nossos problemas e a plena confiança no nosso futuro na construtiva história de nossa liberdade. Liberdade que foi conseguida passo a passo no gigantismo do território com o denodo de sua gente. É esta história que a obrigação nos impõe estudá-la, na importância de seus reais significados, e ampliá-la na busca de nossos horizontes de pesquisas. O Novo Mundo foi um desafio. E quando começou, tudo era mistério; aos que chegavam, timoratos na busca, e aos que recebiam, atônitos na surpresa. O cenário, multiforme em seus aspectos psicológicos, também o era em sua visão paisagística. Enquanto a cruz simbólica da Igreja cristã fazia-se presente a todos os atos significativos e oficiais, a pompa palaciana dos frios reinados distantes, contrapunha-se a desnudez equatorial do silvícola.

Culturas diversificadas e filosofias de vi da antagônicas aumentavam as divergências nos contatos iniciais. Nos primeiros núcleos sociais evidenciavam-se as buscas de soluções para todos os problemas surgidos, dimensionando-se os juízos que, multiformes pela pluralidade dos aspectos regionais, necessitassem concessões secundárias .

A fé cristã, amenizando dissidências e ampliando áreas de contato, sedimentou razões políticas fortemente integradoras dos anseios colonizadores. A oração uniu os distantes e indiferentes para a criação de um colóquio apazigua dor entre os que pregavam o ensinamento religioso e os que desconfiavam das novas atitudes.

Formava-se desde já um incipiente processo de integração social, onde o espírito associativo e o respeito às decisões grupais, embora prolongado e doloroso, sedimentavam razões locais, tramavam anseios gerais e ganhavam assomos particulares. Aos poucos, a integração codificada em cânones primários, ganhava um êxito de relativo sucesso; a miscigenação, aumentando o contato, diminuía a distância social. As ordens de além-mar angustiavam e cerceavam; os tributos pesavam e revoltavam; os loco-tenentes abusavam e oprimiam. Passamos a existir como entidade americana quando, bem cedo, era tecida a trama da teia social autóctone; restavam somente os laços de ligação com as terras distantes, com os reis poderosos e com as leis impiedosas. Na conscientização de povo, na automatização da defesa instintiva e na compreensão dos próprios horizontes, formaram-se o crédito à terra dadivosa, o valor ao trabalho comunal e a união à garantia recíproca. Pouco faltava para a completa independência de seus atos. Bem cedo, os cânticos de inovação começaram a soar; tão logo chegaram até nós exemplos de terras vizinhas, surgiram os primeiros rumores de desassombro e o primeiro segredar impaciente.

Subitamente, surgidos dos seus próprios meios, homens heróis, sazoados com as ideias libertadoras, clamam a liderança de seus próprios caminhos. Poucos compreendem os seus desejos.

muitos sufocam seus gritos de emancipação. A cauda do arauto abatido, centenas surgiram revigorados; e a onda ganha os campos e os que estavam de atalaia. Do Atlântico ao Pacífico, beirando o litoral e galgando serras, homens destemidos, vozes poderosas, congregados numa mesma causa e almejando um mesmo interesse, forjaram nações poderosas, livres e humanas.

A liberdade como bandeira de seus exércitos cobriu todo um continente, evidenciando a força que imana do povo americano, com suas ações dramáticas, tão ricas de significado, seu fervor religioso, tão fértil em sentimentalismo, seus levantamentos populares, tão impregnados de civilidade.

No sangue precursor de TIRADENTES, surge o primeiro alerta; na voz destemida de MIRANDA, a última advertência. BOLÍVAR, SUCRE, SANTANDER, SAN MARTIN, MONTALVO, O'HIGGINS, CAVALEIRO, ARTIGAS e PEDRO I, qualificam-se na forma de luta, no desejo de vitória, na dureza do sacrifício e na coragem imbatível.

E a nossa história germinou com toda a força espiritual de seus construtores. Foram homens que motivaram legiões, criaram lendas e fizeram de suas vidas as mais belas formas de oferecimento patriótico. ANDRE VIDAL DE NEGREIROS, CAXIAS, TAMANDARÊ, OSORIO, DEODORO DA FONSECA, FLORIANO PEIXOTO, SALDANHA DA GAMA, VITAL DE OLIVEIRA, RONDON, MASCARENHAS DE MORAIS, JOSE PESSOA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE, são luzes que guiam nosso espírito, são expoentes de uma história de sangue e sacrifício. Por todas estas razões é que hoje estamos aqui reunidos. Não importa quem é o novo ocupante da cadeira 23; o que nos interessa no momento é a certeza de que, mais uma vez o Instituto se reúne para lembrar os que se fizeram honrados na defesa da Pátria, os que souberam, sem lamentos nem dúvida, gritar "Viva a Pátria", na hora do supremo sacrifício e os que, aos primeiros chamados, se fizeram presentes sem dilatação nem perguntas.

A nós nos cabe, na fonte da história que passamos, evidenciar, em todas as suas doações, o sacrifício, o heroísmo e o exemplo. Lidar com assuntos históricos é prender-se a uma tarefa de grande responsabilidade. Quando se procura os fatos, ditos importantes, para organizá-los e interpretá-los é mister cuidá-los à luz da visão da pesquisa para que o senso comum presida a devida observação nos registros, muitas vezes parciais, na carência das fontes e no julgamento do próprio historiador. Bem disse Lord Macaulay "a arte da História é a arte da narração, a arte de despertar sentimentos e apresentar quadros à imaginação através de uma seleção e de uma disposição hábil sem recorrer à invenção": E nas

formas cronológica, geográfica, política, institucional, biográfica ou cultural que a História oferece um mundo encantador que renova o nosso espírito.

Meus Senhores e Minhas Senhoras.

Hoje, o destino nos traz a esta Casa. É neste recinto onde se procura os realces de tanta dedicação e patriotismo, que nós chegamos com os passos tímidos ante augustas companhias. Na honra do fato e na glorificação íntima da conquista, torna-se evidente a grande responsabilidade de representação.

Trazemos pois, o desejo da colaboração na continuidade do trabalho aqui desenvolvido e o juramento de fidelidade às causas cívicas cujo eco reverbera a cada momento neste sodalício.

A honra de pertencer a esta Casa vem acrescida da enorme responsabilidade de substituir, na Cadeira 23, os preclaros historiadores General João Baptista Peixoto e Almirante Mário Ferreira França. Nomes que ressaltamos nesta oportunidade pelo legado da contribuição à história nacional. Obras de acuradas pesquisas e de importância na historiografia brasileira foram produzidas pelos dois eminentes confrades que honraram esta Cadeira com brilhantismo e dedicação.

O General Peixoto, atualmente é sócio bene mérito do Instituto e seu Secretário Executivo, é fluminense de Nova Frigurgo e chegou em 1954 para esta Casa, onde com dedicação e trabalho operoso contribuiu, de maneira essencial, para o seu crescimento. Durante onze anos foi seu Secretário, tendo servido com várias Diretorias com presteza e simplicidade. Suas obras de cunho sócio-econômico, servem de base para o estudo da história do desenvolvimento brasileiro atual, tendo sido algumas delas laureadas em concursos nacionais e já traduzidas no exterior. Entre muitas podemos citar:

- Os transportes no atual desenvolvimento do Brasil
- Conquistas de uma década
- O grande desafio da explosão demográfica
- Produção, transporte e energia elétrica no Brasil.
- Desafio da crise energética.

O Almirante Médico Mário Ferreira França, de saudosa memória, substituiu o General Peixoto nesta Cadeira. Carioca, estudioso da história de sua cidade, era considerado o mais profundo conhecedor do Rio de Janeiro. Pesquisador incansável, deixou trabalhos importantes na história da medicina brasileira. Pertenceu a vários Institutos de Cultura aos quais honrou com a dignidade de seu trabalho. Deixou, entre muitas obras, as seguintes:

- Médicos e cirurgias militares no Rio de Janeiro no século XVIII
- Bosquejos históricos da hospitalização naval
- Notícia do Sanatório Naval de Nova Friburgo.
- Aspectos da história médica através, de uma biografia
- Reconhecimento da independência do Paraguai pelo Império
- Vida e obra do Dr., Antonio Ferreira França
- Ferreira França na política e nas letras brasileiras

Lembrando os dois eminentes historiadores rendemos nossa homenagem, nesta oportunidade. Que o incentivo de tanta operosidade seja para nós mais do que um exemplo, seja uma advertência. Não duvidamos da dureza da tarefa, nem da dificuldade em conduzi-la.

A cadeira que ocupamos glorifica a figura austera de um homem público, de um militar competente, de um cidadão probo, dotado de uma fé cívica inquebrantável e de uma mente voltada ao estudo e a pesquisa: Marechal GREGÓRIO THAUMA-TÜRGO DE AZEVEDO.

Piauiense de Barras de Maratauan, nascido em 17 de novembro de 1853, filho de Manoel de Azevedo Moreira de Carvalho e Dona Angélica Fiorinda Moreira de Carvalho, cedo sentou praça no 19 Regimento de Cavalaria, na Corte, em 1868, da qual deixou sua Província natal, com destino à Escola Militar. Aos 26 anos recebeu o título de Engenheiro Militar e Bacharel em Matemática e Ciências Físicas, pela Escola Militar da Corte, tendo sido designado, no mesmo ano - 1879 - para integrar a Comissão Brasileira de Limites com a Venezuela. Esta vivência com homens devotados aos problemas brasileiros o modelou para os embates futuros quando teve oportunidade de defender, desafiando interesse outros, as razões maiores de nossa terra nas questões de limites. Na então Província do Amazonas, como Comandante Geral da Fronteira e Inspetor das Obras Militares, desenvolveu intenso trabalho para a manutenção da presença brasileira naquelas paragens, tendo sido o primeiro a vislumbrar a importância da colonização militar nos nossos limites e tendo também defendido a indispensável criação de uma guarnição em Tabatinga.

Em 1885, agora na frente da Inspetoria das Obras Militares, desta feita em Pernambuco, ingressa o então Major Thaumaturgo, na Faculdade de Direito de Recife, sobressaindo-se entre os seus companheiros, pela viva inteligência e pelo estudo. Completou seu curso em novembro de 1889, tendo em seguida sido designado, Presidente da Província do Piauí, até 1890, quando regressa ao Rio de Janeiro, designado para o cargo de Diretor das Obras Públicas do Estado. Como Ten Cel, em fins de 1891, é eleito pelo Congresso Constituinte do Amazonas, Governador Constitucional. Com as mudanças políticas decorrentes do golpe de 3 de novembro de 1891, cujas repercussões no Estado foram grandes, renunciou ao governo e participa da oposição a Floriano Peixoto, exigindo a realização de novas eleições para o País. Em decorrência de sua atuação política, foi afastado do Exército e desterrado para o Forte de São Joaquim.

Anistiado pelo Decreto de 5 de agosto de 1892, reverteu ao serviço ativo, como Ten Cel, e já em 1895 chefiava a Comissão de Limites com a Bolívia. Era mais uma vez o aproveitamento de seus conhecimentos para causa tão importante. Durante os dois anos permaneceu nessa Comissão com desempenho fecundo na apreciação do verdadeiro limite com o País vizinho. Deste período são as famosas divergências entre ele e o Ministro Dionísio Cerqueira e com o Barão de Teffê acerca da verdadeira nascente do Rio Javari. Segundo Manoel Onofre, em sua obra "Amazonas, o papel decisivo do Marechal Gregório Thaumaturgo de Azevedo na Questão do Acre", publicada em 1968, no Rio de Janeiro, "Se Thaumaturgo, demarcador técnico, a um tempo engenheiro militar e bacharel em Direito cumprisse automaticamente as instruções na linha atinente à Bolívia e ao Peru, o Acre seria boliviano e peruano e talvez tivesse surgido uma guerra entre as duas nações vizinhas".

Serviu como Chefe da Seção da Repartição do Ajudante-General do Exército e como Secretário do Gabinete do Ministro. Em 1904, estava o Cel Thaumaturgo novamente na Amazônia; fora nomeado Prefeito do Alto-Juruá, comandante Geral das Forças e Delegado do Governo da União. Foi nesta oportunidade que fundou a cidade de Cruzeiro do Sul, pelo Decreto nº 1, de 7 de setembro de 1904.

Durante sua gestão teve atuação enérgica na expulsão dos peruanos, em 5 de novembro de 1905, conquistando com armas a outra grande parte do Acre.

Era uma voz conscienciosa que se levantava em momento tão difícil para a nossa diplomacia. Sobre a geopolítica da Questão do Acre, assim analisa, em seu livro "História da formação das fronteiras do Brasil", o embaixador Teixeira Soares:

"Quando, a 3 de dezembro de 1902, o Barão do Rio Branco assumiu a pasta das Relações Exteriores, a Questão do Acre se complicara tanto que não se sabia mais como deslindá-la. Falsos conhecedores da matéria, figurões políticos, ministros de Estado e senadores palavrosos deitaram ciência, mas fracassaram no tratar do assunto. Enquanto isso, na selva acreana, escaramuças se travavam entre brasileiros e autoridades

bolivianas. Thaumaturgo de Azevedo levantou a questão da verdadeira nascente do Rio Javari/xin trariando a encontrada pelo Barão de Tefé. Como se poderia demarcar (e a demarcação fora autorizada pelo infeliz Protocolo de 18 de fevereiro de 1895, assinado por Carlos de Carvalho, Ministro de Estado), se ainda não se encontrava perfeitamente caracterizada a presença do Brasil no território, presença estribada em títulos jurídicos inquestionáveis? Este problema atormentou muita gente entendida, como Thaumaturgo de Azevedo".

O desassombro e o patriotismo de Plácido de Castro na Questão do Acre se completam quando se conhece a intensa atividade do Marechal Thaumaturgo naquela área. As bacias Piarus-Acre e Juruá-Tarauacã completam o Acre brasileiro da mesma forma que Plácido de Castro e Thaumaturgo de Azevedo se completam na defesa do que era *nosso*. A questão foi sublimada com a força da ação política do Rio Branco.

Ainda nestas funções, foi promovido a General de Brigada - 1906 - tendo sido designado, no ano seguinte, para Comandar o 3º Distrito Militar, que compreendia os Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas. Desempenhou ainda as funções de Subchefe do EME e Comandante da Brigada Militar do Distrito Federal. Já como General de Divisão - promovido em 1912 - exerceu o cargo de Inspetor da 1ª Região de Inspeção Permanente, compreendendo o Estado do Amazonas e o Território do Acre. Foi reformado, em 1918, no posto de Marechal.

Na vida civil exerceu, durante quase 10 anos, a presidência da Cruz Vermelha Brasileira em substituição ao Dr. Oswaldo Cruz, eleito Presidente daquela sociedade. Ao longo de sua gestão, reestruturou a sociedade, ampliando suas atividades e granjeando, do público brasileiro e internacional, o reconhecimento pelas várias campanhas desenvolvidas em prol do necessitado. Bruto de seu trabalho operoso, conseguiu subvenção federal, terreno para a construção da atual sede, franquias postal e telegráfica, criação de cursos de enfermagem, durante a 1ª Guerra Mundial, e a vitoriosa campanha contra a gripe de 1918.

E por todos reconhecido como o verdadeiro 1º Presidente da Cruz Vermelha Brasileira.

Faleceu em 23 de agosto de 1921, aos 68 anos de idade.

Ornaram-lhe o peito as insígnias de Comendador da Ordem da Rosa, de Cavaleiro da Ordem de Cristo e de São Bento de Avis, Medalha do Serviço Militar de Ouro, Medalha do Libertador Simão Bolívar e a Grande Placa de Honra ao Mérito da Cruz Vermelha. Foi sócio das Associações de Imprensa de Manaus, Rio de Janeiro e Santiago do Chile. Membro da Sociedade Acadêmica Internacional de Paris e Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Deixou, além dos relatórios anuais dos governos do Piauí e do Amazonas, os seguintes trabalhos:

-Discurso pronunciado na ocasião do assentamento da pedra fundamental do novo edifício da Faculdade de Direito de Recife. Em 19 de agosto de 1889. Editado pela Tipografia da Província. Pernambuco. 1889.

-Avaliação do material da empresa de gás do Recife. Impresso pela Tipografia de M. Figueiroa de Faria e Filhos. Pernambuco. 1889.

-O Acre, limites com a Bolívia. Artigos publicados na "Imprensa" (1900-1901) Impresso pela Tipografia do Jornal do Comércio. Rio de Janeiro. 1901.

-Representação ao Congresso Nacional contra a situação ilegal resultante da coexistência de duas Constituições, de dois poderes legisladores e dois governos na Amazonas. Impresso na Imprensa Nacional. Rio de Janeiro. 1918.

Esse Instituto o homenageia como um de seus Patronos, dignificando uma vida inteiramente dedicada ao estudo, ao interesse público, ao Exército e à Pátria.

Sua vida de estudioso está retratada no trecho do discurso proferido na Faculdade de Direito de Recife, em 1889:

"Todas as grandes manifestações do espírito humano são filhas da inteligência cultuada ou da observação rigorosa e persistente dos fatos que iluminam o entendimento e transfiguram a razão".

Meus Senhores e Minhas Senhoras!

É neste contexto de operosidade e oferecimento patriótico que desejamos trazer, como integrante do Serviço de Saúde, a lembrança de todos, o desempenho dos médicos, dentistas e farmacêuticos ao longo de nossa história. Todos nós sabemos da plêiade de homens exemplares e de dignificantes páginas de heroísmo e devotamente O médico militar prestou seus serviços em todas as guerras intestinas e de provocação externa; desde os tempos coloniais até recentemente, em 1963, São Domingos, tivemos o médico colaborando com o arrojo de seu patriotismo e a abnegação de sua ciência na defesa dos interesses brasileiros.

Queremos, portanto, reverenciar, nos nomes dignos dos Drs. ANTONIO JOSE RAMOS; MANUEL FELI CIANO PEREIRA DE CARVALHO, JOÃO SEVERIANO DA FONSECA, JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA FONTES, CÂNDIDO MANOEL DI OLIVEIRA QUINTANA, MANUEL ARAGÃO GESTEIRA, APONIO ANTUNES DA LUZ, TEÓFILO CLEMENTE JOBIM, BENVENUTO PEREIRA DO LAGO, MANOEL JOÃO DOS REIS, TOBIAS ALVIM DO AMARAL, REGINALDO JOSÉ DE MIRANDA, FORTUNATO RAIMUNDO DE OLIVEIRA, ALFREDO AUGUSTO GAMA, JOÃO TOLENTINO BARRETO DE ALBUQUERQUE, ALEXANDRE DE SOUTO CASTAGNINO, JOÃO MUNIZ BARRETO DE ARAGÃO, ISMAEL DA ROCHA, JOÃO AFONSO FERREIRA e EMMANUEL MARQUES PORTO, todos aqueles que no silêncio do trabalho operoso e no atendimento abnegado aos enfermos, na paz e na guerra, souberam dignificar a nobre profissão, renovando nos atos e na sublimação, o juramento hipocrático. Percorreram o terreno da cultura, da ciência e da história.

Finalmente, os nossos agradecimentos. Agradecemos, de coração, ao amigo Cel Eng Cláudio Moreira Bento, ilustre historiador desta Casa e de outros Institutos nacionais, responsável por tantas campanhas de mérito e autor de tantos trabalhos que enriquecem a historiografia brasileira, o retrato que ousou fazer de nossa restrita participação no âmbito da história militar; falou bem mais alto o seu coração fraterno. Nos envaidecemos com as palavras de acolhida do ilustre estudioso de Canguçu, pelo que ele representa no meio militar, com sua larga folha de serviço à história nacional, no culto prestado aos nossos maiores vultos militares.

Aos Senhores Sócios do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil nosso



FLAGRANTE DA SOLENIDADE DE POSSE

agradecimento por sufragarem nosso modesto nome, apresenta do pelo confrade Cel Neomil Portella, a quem admiro pela tamanha afoiteza da iniciativa. Aos ilustres historiadores Drs. Luiz de Castro Souza e Lourival Ribeiro, conhecedores da história médica brasileira, e nossos primeiros contatos aqui no Rio de Janeiro, nosso obrigado pelos estímulos da voz e da vez.

Finalmente, deixo público meus agradecimentos à minha

esposa Maria Ighes cujo apoio e cujo alento me conduziram ao portal desta atividade cultural, pelo estímulo da palavra, pela compre e são dos meus momentos de estudo e pesquisa e pela abdicação de suas horas de lazer em benefício de minhas incursões pelos "sebos" arquivos e bibliotecas. Aos meus filhos, Ileana Maria, Albeane Maria, Cristiane Maria e Alberto André, que com paciente e admirável compreensão demonstraram o respeito filial componente essencial para o ambiente propicio ao estudo.

Aos meus pais, distantes e presentes na poeira do tempo, meu agradecimento saudoso.

A todos que nos honraram com as suas presenças de apoio, nossos íntimos agradecimentos.

Ao meu Deus, agradeço tudo.

Obrigado.